

# DOM LUCIANO MENDES: PERITO EM HUMANIDADE

Edmar José da Silva\*

**Resumo:** Dentre as inúmeras qualidades e virtudes de Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, o artigo objetiva colocar em relevo a sua admirável sensibilidade humana. O seu profundo amor e respeito pelo ser humano, ancorados na sua admirável experiência de fé, serão ressaltados a partir de três situações envolvendo a sua pessoa e o modo como as enfrentou dentro desta perspectiva humanista. As três situações que serão narradas, chamarão a atenção para três aspectos diferentes do seu humanismo: mestre do amor (gratuidade), mestre do acolhimento generoso e mestre da misericórdia e do perdão.

**Palavras-chave:** Dom Luciano; Testemunho; O amor; Humanismo; Perdão

**Riassunto:** Tra le molte qualità e virtù di Mons. Luciano Pedro Mendes de Almeida, l'articolo mette in evidenza la sua ammirevole sensibilità umana. Il suo profondo amore e rispetto per l'essere umano, ancorati alla tua ammirevole esperienza di fede, verranno messi in evidenza a partire da tre situazioni che coinvolgono la sua persona e il modo in cui le ha affrontate entro questa sua prospettiva umanistica. Le tre situazioni che verranno narrate attireranno l'attenzione su tre diversi aspetti del suo umanesimo: maestro dell'amore (gratuità), maestro della generosa accoglienza e maestro della misericordia e del perdono.

**Parole chiave:** Mons. Luciano; Testimonianza; L'amore; Umanesimo; Perdono

## INTRODUÇÃO

Agradeço ao Pe. Edvaldo Antônio de Melo, Diretor acadêmico e coordenador do curso de filosofia da Faculdade Dom Luciano Mendes e ao Pe. Adilson Luiz Umbelino Couto, Diretor de estudos do Curso de Teologia do Seminário São José, pelo honroso convite para participar desta mesa redonda dentro do contexto do Simpósio acadêmico sobre a história da Igreja particular de Mariana: memória e testemunho. Cumprimento fraternalmente os meus colegas de mesa, a profa. Dra. Cláudia de Oliveira Rocha, o professor Ms. João Paulo e o prof. Dr. Pe. Edvaldo de Melo, mediador desta mesa.

Coube a mim, nesta mesa redonda, tratar do tema: “O dizer o testemunho a partir da vida de Dom Luciano”. Creio que a motivação do tema nasceu do projeto de pesquisa da Faculdade Dom Luciano, intitulado “Dizer o testemunho”, do qual participei e tive a grata

---

\* Edmar José da Silva é presbítero da Arquidiocese de Mariana. Pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior e mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma/Itália. Autor de *Provocações éticas* e organizador do livro *Dizer o testemunho II*. É professor de Filosofia na Faculdade Dom Luciano Mendes – FDLM – de Mariana-MG.

satisfação de organizar o segundo volume da obra, juntamente com o Pe. Edvaldo, com mesmo título do projeto. Esta obra foi publicada pela Editora Paulinas, em 2016<sup>1</sup>.

Promover um simpósio sobre a história da igreja particular de Mariana é oferecer a todos a oportunidade de contemplar a beleza, a grandeza e a riqueza de uma história quase tricentenária e que muito influenciou toda a igreja no Brasil. Segundo o historiador e professor Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho, para se compreender bem a história da Igreja no Brasil, devemos necessariamente frequentar a história da Arquidiocese de Mariana, a sexta diocese criada no Brasil, em 1745. Seguindo este mesmo raciocínio, afirmo com toda a convicção que para se compreender a história mais recente da Igreja particular de Mariana, faz-se necessário conhecer esta grande e ilustre figura da nossa Igreja particular que foi Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, 4º arcebispo da Arquidiocese de Mariana, e que a conduziu magistralmente de 1988 a 2006. Neste sentido, resgatar alguns aspectos da sua pessoa e da sua vida, faz-se uma tarefa urgente e necessária para manter vivo o seu legado espiritual, pastoral, humano e eclesial. Fazer memória de dom Luciano não é somente tarefa acadêmica, mas quase que uma exigência ética e eclesial. O grande teólogo José Comblin, assim afirmou a respeito de Dom Luciano:

Dom Luciano foi uma das personalidades mais marcantes do século XX, uma dessas personalidades que marcam uma época. A sua vida foi tão rica de ensinamentos que ela constitui uma referência permanente. Tinha tantas qualidades, tantas capacidades, tantos talentos... e tudo isso reunido numa vida tão simples na sua riqueza (ARROCHELAS, 2008, p. 314).

Falar sobre Dom Luciano não é tarefa difícil, porque todos que conviveram mais de perto com ele, têm uma história para contar, um aspecto para ressaltar da sua sabedoria, santidade e simplicidade. Além disso, multiplicam-se as bibliografias a respeito da sua vida e do seu legado. O desafio está no fato de ter que selecionar alguns aspectos para serem tratados nesta conferência, diante da amplitude do tema que me foi confiado e da magnitude do “magister amoris causa” (LIBANIO, 2008, p. 81).

O Santo Papa João Paulo II, ao referir-se ao extraordinário São Tomás de Aquino, o chamou de “*Doctor humanitatis*”, ressaltando que o Aquinate era doutor da humanidade

---

<sup>1</sup> Artigos de Dom Luciano Mendes de Almeida. SANTOS, José Carlos; MARQUES, Lúcio Álvaro (Orgs.). *Dizer o testemunho*. Vol. I. São Paulo: paulinas, 2013; MELO, Edvaldo Antônio e SILVA, Edmar José (Orgs.). *Dizer o testemunho*. Vol. II: artigos de Dom Luciano Mendes de Almeida. São Paulo: Paulinas, 2018.

e doutor em humanidade. Tomo emprestado a intuição do São João Paulo II para nomear esta conferência: “Dom Luciano Mendes: perito em humanidade”. Nesta conferência, não desejo evidenciar o legado eclesial deixado por Dom Luciano Mendes, mas o seu legado antropológico. Seguindo a proposta do simpósio, embasado no testemunho e na memória, optei por colocar em evidência algumas situações envolvendo Dom Luciano e, a partir destas, tirar três conclusões a respeito da sua incrível sensibilidade humana. Como professor de Antropologia filosófica, quero chamar a atenção para o seu testemunho de profundo amor e respeito por toda pessoa humana, ancorados na sua profunda experiência de fé. Como perito em humanidade, Dom Luciano nos deixou um rico legado no que diz respeito à prática do amor-gratuidade, do acolhimento generoso e da prática da misericórdia e do perdão.

## **1. O MESTRE DO AMOR-GRATUIDADE**

Na semana filosófico- teológica de 2006, promovida pelo Instituto de Teologia São José e a Faculdade Arquidiocesana de Mariana, o tema proposto para reflexão era: justiça e caridade: ética numa sociedade plural. Naquela ocasião, várias perguntas me inquietaram, dentre elas: qual a relação entre justiça e o amor? É possível acrescentar o amor na justiça? Três anos mais tarde, ouvindo uma palestra de Dom Luciano sobre o terceiro setor, promovido pelo Ministério Público de Minas Gerais<sup>2</sup>, obtive a resposta para tais questionamentos.

Com seu estilo simples, claro e profundo, diante dos magistrados de Minas Gerais e de outros Estados, Dom Luciano chamou a atenção para a necessidade de se alargar a compreensão de cidadania e de justiça. Segundo ele,

Cidadania não é apenas ter acesso a um conjunto de direitos e deveres, mas é a alegria de promover a vida do outro e a justiça não pode ser considerada um elemento completo para orientar os relacionamentos humanos, porque ela está amparada nas leis e estas são susceptíveis de aperfeiçoamento. O que dá sentido à vida humana é o amor (ALMEIDA, 2009).

---

<sup>2</sup> ALMEIDA, L. Mendes. Palestra do terceiro setor do Ministério Público do Estado de Minas Gerais. 25 de outubro de 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KjBKOuHK144>>. Acessado em 02/02/2019.

Durante a sua conferência, levanta os seguintes questionamentos: “*O que é a relação entre mãe e filho? O que é a relação entre marido e mulher? O que é família? O que é o voluntariado? É amor. O voluntário não ganha nada, não tem direito trabalhista, não exige nada, quer apenas amar e servir*”.

Lançando um olhar crítico sobre a sociedade, Dom Luciano faz as seguintes provocações:

Que tipo de sociedade queremos? É a sociedade das regras, dos pactos sociais, das exigências, dos direitos e deveres? Isso tudo é constitutivo da sociedade, mas insuficientes. Se acabar o amor, acaba a vida humana. Devemos entender que a ética é a coerência com a dignidade pessoal e do outro e que o cerne da felicidade humana está em fazer o bem, gratuitamente. Nós inventamos a sociedade do comércio baseada no ganhar mais, ganha menos, no quanto devolve, nos direitos e deveres, nos julgamentos e ressarcimentos. E a vida não é isso! Devemos perceber que o ingrediente mais importante do relacionamento humano é a gratuidade do amor (ALMEIDA, 2009).

Cita como exemplo a vida de Madre Teresa de Calcutá que deixa tudo para atender os pobres e doentes. Era realizada na doação da própria vida, no amor. Para Dom Luciano, deve haver uma mudança de mentalidade:

Que tipo de sociedade queremos: sociedade organizada, cada um ganhando o que pode? Um Estado que garante direitos e deveres estabelecidos na lei? Mas se o coração do ser humano não mudar, a realidade também não mudará. Estamos cultivando uma axiologia doente, porque identificamos felicidade com riqueza e isso é doença do rico e do pobre: do rico porque quer enriquecer cada vez mais e do pobre porque quer ganhar na loteria porque seu projeto de vida é ser rico. Isso estraga a humanidade. Devemos descobrir que o que torna o ser humano feliz é o amor, a gratuidade nas relações. Um ingrediente fundamental para que haja uma ética humana não é somente o respeito, mas o amor. E não é o amor da reciprocidade, mas o amor da gratuidade, como o amor da mãe que cuida do filho com deficiência durante toda a sua vida. Não é preciso ser rico para ser feliz, basta amar. A cidadania e a justiça verdadeira vão acontecer quando as pessoas tiverem dentro de si, como regra de vida, amar mais e entenderem que a verdadeira justiça não é o cumprimento frio da lei, mas é amar (ALMEIDA, 2009).

Em sua tese de doutorado, assim expressa Pe. Darci Fernandes, a respeito da relação entre amor e justiça em Dom Luciano: “*a justiça pode levar, no máximo ao respeito do outro, estabelecendo leis igualitárias entre as pessoas, mas somente o amor é capaz de nos fazer amar o próximo como irmão*” (LEÃO, 2017, p. 186).

## 2. O MESTRE DO ACOLHIMENTO GENEROSO

Permitam-me iniciar a reflexão sobre este segundo tópico relatando uma história: no início de fevereiro de 2003, quando era Diretor do Seminário Menor Nossa Senhora da Assunção, da Arquidiocese de Mariana, telefonei para Dom Luciano para ver se podia ir à sua casa para agendar as celebrações da comunidade formativa. Devia fazer isso logo no início do ano, porque depois seria impossível, devido aos inúmeros compromissos do referido bispo. Ao telefone me disse que estava esperando o presidente de uma grande empresa brasileira para uma conversa, mas que eu poderia passar na sua casa que ele me atenderia.

Ao chegar no palácio episcopal, preocupado com a visita ilustre que poderia chegar a qualquer momento, tratei logo de abrir a agenda para marcar os compromissos com o arcebispo. Mas ele, pacientemente, começou a conversar sobre a minha vida, a indagar sobre a minha família, sobre o período de férias, sobre a semana vocacional, etc. A cada pausa que dava, eu tratava logo de mostrar a agenda para agilizar o motivo da minha visita, mas ele insistia em conversar sobre questões ligadas à minha vida e ao exercício do meu ministério. Durante a nossa conversa, o tal presidente da empresa importante chegou. Pensei: agora vai agilizar a conversa porque o homem importante está aguardando-o! Ledo engano. Continuou conversando pacientemente comigo e algum tempo depois, tirou a sua agendinha do bolso e disse: “Agora, vamos agendar as minhas idas ao seminário Menor”. Compromissos anotados, levou-me até a porta do palácio episcopal e se despediu de mim com toda paciência e delicadeza que lhe eram próprias e foi atender o tal diretor da empresa.

Alguns dias depois, ouvindo uma pregação sua, a certa altura da reflexão, ele fez a seguinte afirmação: *“quando estamos com uma pessoa, temos que ser todo dela!”*. Naquele momento, compreendi a sua atitude para comigo poucos dias antes. Enquanto eu almejava apenas marcar compromissos, dando um caráter funcional para a visita, ele queria saber se eu e minha família estávamos bem, dando um caráter humano ao meu propósito. Para ele, aquele momento não deveria ser apenas para marcar compromissos formais, mas era oportunidade de encontro, de relação gratuita, de troca de afeição e de amor. Era como o pai querendo saber se o filho estava bem. Compreendi que,

independentemente de quem estava para chegar, Dom Luciano, naquele momento, tinha sido todo meu. Eu é que não tinha sido todo dele.

Ao ouvir esta pregação de Dom Luciano, compreendi o que Martin Buber, filósofo contemporâneo de ascendência judaica, afirmava na sua filosofia da alteridade. Para este pensador, na relação EU- TU que é propriamente humana, algumas características são condições de possibilidade para que exista verdadeiro encontro humano. Dentre estas características se destacam: a reciprocidade, a presença, a imediatez e a responsabilidade. Mas ele acrescenta também como característica do relacionamento humano a exclusividade, entendida não como fechamento egoísta ou egocêntrico na relação entre dois sujeitos, mas como atenção absoluta à pessoa enquanto ela estiver no face-a-face da relação. Caso contrário, a relação com o outro se torna desumana, coisificante. Deixa-se de se considerar o outro como pessoa para reduzi-lo a um ISSO, a uma coisa.

A teóloga Maria Clara Lucheti Bingemer, ilustra bem este aspecto da vida de Dom Luciano, quando afirma:

Em várias ocasiões, tive o privilégio de vê-lo, ouvi-lo, trabalhar com ele. Impressionava-me sua obsessiva caridade, que o fazia dar atenção a cada pessoa como se fosse a única no mundo, provocando inclusive a impaciência de alguns de seus amigos e colaboradores [...] A todos e a todas atendia com a mesma solicitude e a mesma devoção. Ninguém lhe parecia menos importante ou digno de atenção. Ao contrário, todos passavam à sua frente, consumindo alegremente seu tempo, capacidade, energias (ARROCHELLAS, 2008, p. 334).

### **3. MESTRE DO PERDÃO E DA MISERICÓRDIA**

Certa ocasião, presenciei uma cena triste, cuja reação de Dom Luciano rendeu-me uma belíssima lição de vida. Certo sacerdote, por ocasião da sua apresentação para o exercício de uma nova função que lhe havia sido confiada, ao final da celebração, ao tomar a palavra, disse em alto e bom tom: “Dom Luciano, espero que o senhor não deixe a Paróquia de onde estou saindo jogada às traças, como está esta Arquidiocese!”. O arcebispo abaixou a cabeça, respirou fundo e concluiu serenamente a celebração e quando fui levá-lo até sua casa, me confidenciou: “Meu filho, o que está acontecendo com ele? Temos que ajudá-lo”.

A sua profunda sabedoria antropológica e seu misericordioso coração de pai e pastor permitiu-lhe sentir nas entrelinhas das palavras violentas do sacerdote que algo errado estava acontecendo com o mesmo. Ele refletia comigo: “alguém só faz ataques do lado de fora, quando já está quebrado do lado de dentro. Por isso, quando for ofendido por alguém, procure ajudar esta pessoa. Ela apenas externalizou algo que não está bem dentro dela. Ela precisa mais ser amada, do que odiada ou vingada”. Este belíssimo testemunho de perdão e esta rica lição sobre o funcionamento do psiquismo humano nunca saíram da minha memória e do meu coração. Se tornaram objetos de reflexão nas minhas aulas de Antropologia filosófica, quando trato da categoria do psiquismo.

Na sua tese de doutorado sobre Dom Luciano, Pe. Darci Fernandes assim se expressa: *“Dom Luciano, mesmo admitindo outros valores desse mundo, admite que se sentia atraído e feliz em ajudar as pessoas a superarem dificuldades interiores, despertando-as para o exercício do amor e do perdão (LEÃO, 2017, p. 235).* Assim afirma o próprio Dom Luciano:

Nesse mundo, não tem tanto atrativo para mim a natureza, nem sequer a arte como tal: quadros, esculturas, construções. Tudo isso tem um valor que não quero negar, mas para mim tem mais valor ajudar alguém a sorrir, a superar uma dificuldade, a perdoar uma pessoa, a torná-lo capaz de vencer as próprias dificuldades. Isso me faz feliz (ALMEIDA, 2006a, p. 378).

Afirma ainda Dom Luciano:

Pagar o mal com mal é vingança; pagar o bem com o mal é maldade; pagar o bem com o bem, a gente aprende desde criança; mas pagar o mal com o bem, esse é o Evangelho e é só isso o Evangelho. Se quisermos ser cristãos, temos que entender que as palavras mais preciosas de toda nossa visão de mundo são a misericórdia e o perdão” (ALMEIDA, 2006b, p. 24).

## CONCLUSÃO

Espero que a reflexão apresentada, mais do que acrescentar informações sobre o nosso querido Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, desperte nos mais jovens, naqueles que não tiveram a graça de conhecê-lo pessoalmente, o desejo de imitá-lo na prática das virtudes humanas que, em última análise, brotam da sua fé em Jesus Cristo.

Termino esta minha exposição, com um texto escrito pelo Dr. José Gabriel, de Barbacena, a respeito de dom Luciano:

O que é ser santo? Ser santo é ter um coração puro e solidário, é ser companheiro e amigo, promovendo a partilha de tudo o que somos e o que temos? Ser santo é indignar-se e ser um incansável e corajoso guerreiro contra as injustiças sociais? Ser santo é acolher e perdoar a todos, sem discriminação? Ser santo é amar ao próximo como a si mesmo, e até dar a própria vida, como nos ensina o Evangelho? Ser santo é ser total, desprendido e desapegado das coisas materiais, ser desprovido de vaidades? Ser santo é ser, muitas vezes, incompreendido em suas palavras e ações? Ser santo é ter permanentemente o reflexo de Deus em sua face? Ser santo é realizar milagres, aliviar sofrimentos e transformar a vida das pessoas? Se ser santo é tudo isso, eu conheço um santo que se chama *Luciano Pedro Mendes de Almeida* (GUIMARÃES, 2008, p. 310-311).

Com o Dr. Gabriel Guimarães eu tenho a alegria e a honra de afirmar: “Eu também conheci um santo!”

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. Mendes. Eucaristia e transformação da sociedade. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, FAJE, v. 106, p. 378, ano 2006a.

\_\_\_\_\_. Humanismo e civilização do amor. *Mundo e missão*. São Paulo, v. 13, n.107, p. 21-24, ano 2006b.

\_\_\_\_\_. ALMEIDA, L. Mendes. Palestra do terceiro setor do Ministério Público do Estado de Minas Gerais. 25 de outubro de 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KjBKOUHK144>>. Acessado em 02/02/2019.

ARROCHELLAS, M. Helena (Org.). *Deus é bom: homenagem a Dom Luciano*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

GUIMARÃES, José Gabriel. Eu conheço um santo. In: ARROCHELLAS, M. Helena (Org.). *Deus é bom: homenagem a Dom Luciano*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008, 308-311.

LEÃO, Darci Fernandes. *Caridade e justiça em Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida (1930-2006): uma interpretação teológico-moral de seus escritos e do seu testemunho de vida*. Mariana: Dom Viçoso; Belo Horizonte: O Lutador, 2017.

LIBANIO, João B. *Laudatio in honorem* a Dom Luciano. In: ARROCHELLAS, M. Helena (Org.): *Deus é bom: homenagem a Dom Luciano*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: EDUCAM; Editora Universitária Candido Mendes, 2008, p. 79-98.

MELO, Edvaldo Antônio; SILVA, Edmar José (Orgs.). *Dizer o testemunho*. Vol. II: Artigos de Dom Luciano Mendes de Almeida publicados na *Folha de São Paulo*, 04/06/1988 a 26/12/1992. São Paulo: Paulinas, 2016.

SANTOS, José Carlos; MARQUES, Lúcio Álvaro (Orgs.). *Dizer o testemunho*. Vol. I: Artigos de Dom Luciano Mendes de Almeida publicados na *Folha de São Paulo*, 28/04/06/1984 a 28/05/1988. São Paulo: paulinas, 2013.

